

ESPERANÇA E LIBERTAÇÃO: INTERFACES DE UMA UTOPIA NA/PELA POESIA DE AGOSTINHO NETO E PEDRO CASALDÁLIGA

[...] somos muitos e contraditórios, dialógicos e dialéticos, num mesmo território, individual e coletivo, nacional e supranacional.

(Benjamim Abdala Júnior)

Edson Flávio Santos¹

Resumo: Todo o processo de aculturação cometido em alguns países africanos vai encontrar uma relação semelhante ao acontecido no Brasil, impondo, assim, um modelo cultural europeu que vai sobrepor-se ao modo “crioulo” de ser. Porém tanto nos países africanos de independência recente, como no Brasil, houve movimentos que revitalizaram a “crioulidade” da nação, ativando nesses países uma abertura cultural muito segura de si. Diante disso, digo que as literaturas, africana e brasileira, estarão intimamente ligadas, *a priori*, pela língua, mas acima de tudo pelas diversas semelhanças e diferenças presentes na constituição das respectivas nações, fato esse que vai influenciar nas produções literárias de seus autores. Postas estas reflexões acerca da formação destas nações e por certo das literaturas de língua portuguesa, o presente trabalho se propõe, numa perspectiva dos estudos de literatura comparada, realizar um estudo inicial, de aproximação, sobre a interface poética de Pedro Casaldáliga (Mato Grosso – Brasil) e Agostinho Neto (Angola – África), revelando um engajamento social expresso numa poesia utópica e libertária.

Palavras-chave: Pedro Casaldáliga, Agostinho Neto, Literatura Comparada, Crítica. Poética.

Abstract: The whole process of acculturation committed in some African countries will find a similar relationship to what happened in Brazil, imposing a European cultural model which will override the way “crioulo” to be. But both in the newly independent African countries, such as Brazil, there was a movement that revitalized “crioulidade” of the nation, enabling these countries a cultural opening very sure of herself. Therefore, I say that the literature, African and Brazilian are inextricably linked, in advance, by language, but above all by the various similarities and differences in the constitution of the respective nations, a fact that will influence the literary productions of the authors. Placed these ideas about the formation of these nations and some of the literatures of the Portuguese language, This work proposes a perspective of comparative literary studies, conducting an initial study approach, about the poetic interface of Pedro Casaldáliga (Mato Grosso - Brazil) and Agostinho Neto (Angola- Africa), revealing a social engagement expressed in a utopian and libertarian poetry.

Keywords: Pedro Casaldáliga, Agostinho Neto, Comparative Literature, Criticism. Poéticas.

Das literaturas de língua portuguesa produzidas em África, temos a dizer que a atual configuração delas na contemporaneidade, ou - como prefiro - na pós-modernidade, é muito diversificada. O aparecimento dessas literaturas em África resultou, por

1 Egresso do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/Unemat – Campus de Tangará da Serra – MT.



um lado, de um longo processo histórico de assimilação marcadamente nas décadas de 40 e 50 do século XIX. E os escritores desse continente viviam, em meio a duas realidades distintas: a sociedade colonial e a sociedade africana. Uma era o desejo de ser livre e a outra o desejo de ser africano. E nisso estão imbricadas as bases de uma escrita libertário-literária.

Essa escrita expressava a tensão existente entre esses dois mundos, o colonial e o telúrico, revelando um escritor que no conceito mais antropofágico do termo, deglutiria as literaturas vindas da colônia, sobretudo sua língua, a língua do colonizador, que expressaria mais tarde numa forte tensão, a tensão da luta pela independência.

Ao produzir essa literatura, dentro de uma **ecologia cultural** depreendida de um *pattern* literário europeu e latino-americano, se produz uma literatura que vai desembocar, e talvez não seja esse o termo mais polido, na necessidade de se criar **projetos literários**, que formarão sistemas, referindo-me aqui ao conceito dado por Antonio Candido², no célebre livro *Formação da Literatura Brasileira*.

A instauração desses sistemas literários será fundamental para que se estabeleça, por uma série de motivos, uma rede de solidariedade entre as nações. Estas relações se darão dentro de concepções marxistas e hegelianas, diametralmente dialéticas, fazendo pulsar sempre uma contiguidade universal dos textos que lançará essa literatura/libertária para o universo da literatura dos países **frátrios** num *continuum* sem limites circunscritos. Esse processo vai se dar no plano efetivo da escrita que é motivada ideologicamente e onde o ser se constrói na medida em que as relações dialéticas dessas nações se imbricam.

Diante disso, é importante trazer à tona que todo o processo de aculturação cultural cometido em África vai ter uma relação semelhante ao acontecido no Brasil, impondo um modelo cultural europeu que vai sobrepor-se ao modo “crioulo” de ser. Mas tanto nos países africanos de independência recente como no Brasil, houve um movimento que revitalizou a “crioulidade” da nação, ativando nesses países uma abertura cultural muito segura de si.

Por fim, estas literaturas, africana e brasileira, estarão intimamente ligadas,

² Para Antonio Candido a ideia de sistema literário aponta que as obras não são fenômenos pontuais, individuais, mas resultam de um arranjo sociológico relacionado ao contexto social e/ou ideológico onde a obra foi formada. E a literatura de um país só existe se estiver ligada a este sistema, onde autores produzem e publicam suas obras, são lidos por um público leitor, gerando uma tradição.



a priori, pela língua, mas acima de tudo pelas diversas semelhanças e diferenças presentes na constituição das respectivas nações e tudo isso vai influenciar nas produções literárias dos autores das duas nações.

Postas estas reflexões acerca da formação das literaturas de língua portuguesa, o presente artigo se propõe, numa perspectiva dos estudos de literatura comparada, realizar um estudo inicial sobre a interface³ poética de Pedro Casaldáliga, em Mato Grosso – Brasil e Agostinho Neto, em Angola – África, revelando um engajamento social numa poesia utópica e libertária.

O primeiro poeta Pedro Casaldáliga, nascido em Balsareny, região da Catalunha (Espanha), veio para Mato Grosso em 1968 e é nomeado Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia em 1971. Na afirmação de Francesc Escribano (2000, p. 14) “o Brasil no final da década de 60 era um país pobre, governado pelo regime militar. Combinação ideal para injustiça social e política”.

Adepto da teologia da libertação adotou como lema da atividade pastoral o axioma “Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar”. Forte apelo ao que viria se constituir sua bandeira de luta e engajamento social. Com isso, fez da poesia o apanágio da revolução velada. Seus textos, endereçados a múltiplos destinatários, extravasam através da linguagem poética “uma lúcida visão da realidade e decidida opção pelas causas do povo” (VALENTINI, 2005, p.7).

Em participação direta no *front* da luta pela terra, foi preso por cinco vezes, sofrendo na pele os duros golpes da ditadura. Em consequência, foi alvo de inúmeras ameaças de morte.

Dom Pedro chega a esse cenário e suas diversas produções literárias irão funcionar como um grito diante de todo o contexto de exploração, expropriação de terra e massacres. Como afirma Hilda Magalhães (2001), sua Poesia é sentido de luta contra o silêncio e a dominação, testemunhando uma história de luta e resistência. Fundamenta-se na religião e na política, caracterizando-se pela denúncia e pelo engajamento, como se fosse um verdadeiro grito de guerra.

3 Segundo Pierre Lévy, interface é “superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, duas espécies, duas ordens de realidade diferentes”. Este conceito está presente no livro *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993



O segundo autor Agostinho Neto, nasce em 17 de Setembro de 1922, na aldeia de Kaxicane, região de Icolo e Bengo, a cerca de 60 km de Luanda. O pai era pastor e professor da igreja protestante e, tal como sua mãe, era igualmente professora. Embarcou para Portugal em 1947 e se matriculou na Faculdade de Medicina de Coimbra. Dedicando-se a atividades políticas e experimenta a prisão em 1951.

Nessa perspectiva de luta por causas similares, os dois poetas tornar-se-ão, mais tarde, em seus países, ícones da luta pelos direitos humanos e pela libertação de seu povo.

No Araguaia a situação já exposta vai dialogar com a situação de Angola onde em 10 de Dezembro de 1956 fundaram-se vários movimentos patrióticos para formar o MPLA (Movimento Popular para Libertação de Angola). Começando por se organizar nas áreas urbanas, entre os operários e intelectuais progressistas, o MPLA mostraria em breve sua articulação que culmina na criação de um exercito a ser comandado pelo poeta.

Agostinho Neto assume para si os ideais desse movimento, assim como Pedro Casaldáliga assume as causas do negro, do índio, do posseiro, do podre, que serão suas causas, levando-o a declarar abertamente que suas causas valem mais que sua vida.

Assim, temos dois poetas que, como escritores engajados, prefiguram, no plano da utopia, um lugar sem os conflitos do presente. Um presente que tem na política sem poesia, uma política sem ética, que se revela um fracasso. Na poesia destes autores a política, que se representa pela diferença, da alteridade, da negação do “sistema”, do “regime”, tem que ser uma política bela como a poesia.

A poesia que revela os desejos de uma Utopia que se realiza “de-olhos-abertos que permite ao homem lançar-se para o futuro, buscando o não existente, mas que poderá existir, dependendo de seu engajamento para que se torne real” (E. Bloch, 2005, p. 88-114 *apud* VIEIRA, 2010).

Agostinho Neto (1985, p. 35) em *Adeus à hora da largada*, escreve:

(...)
Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós



os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida
(...)

Pedro Casaldáliga (2006, p. 78), como um ressoar, continua, n' *O difícil todo*:

(...)
Combater amando.
Morrer pela vida,
lutando na paz.

Derrubar os tronos
com as velhas armas
quebradas na ira,
fornada de flores.

Plantar a bandeira
da justiça livre
no grito dos pobres.(...)

Numa comunhão poética os dois autores escrevem a libertação de um povo. Um povo que, mesmo não vivendo geograficamente num mesmo micro espaço, vivem inseridos no mesmo planeta, na mesma Grande Pátria, no dizer de Casaldáliga.

Ambos exprimem um humanismo profundo que se expressa no inextinguível amor pela vida. Um amor tácito que revela a identificação destes autores com a verdade do seu povo. Por mais dura e terrível que seja, essa realidade encontra na poesia uma forma de novidade, pois como afirma Alfredo Bosi (2000, p.227) “o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela”.

Como no final do poema *Não me peças sorrisos* de Agostinho Neto (1985, p. 71):

(...)
Uma cabeça sem louros
porque não me encontro por ora
no catálogo das glórias humanas

Não me descobri na vida
e selvas desbravadas



escondem os caminhos
por que hei-de passar

Mas hei-de encontrá-los
e segui-los
seja qual for o preço

Então
num novo catálogo
mostrar-te-ei o meu rosto
coroadado de ramos de palmeira

E terei para ti
os sorrisos que me pedes.

Neto, como poeta engajado tem consciência do seu papel de poeta e de líder de um povo, que também tem consciência de seu otimismo militante⁴ levando a luta e a poesia como uma espécie de missão que se une na poesia de Casaldáliga, como nos versos de *Profecia extrema* (2006. p. 22):

Eu morrerei de pé como as árvores.
Me matarão de pé.

O sol, como testemunha maior, porá seu lacre
sobre meu corpo duplamente unguido.

E os rios e o mar
serão caminho
de todos meus desejos,
enquanto a selva amada sacudirá, de júbilo, suas cúpulas.

Eu direi a minhas palavras:
__ Não mentia ao gritar-vos.
Deus dirá a meus amigos:
__ Certifico
que viveu com vocês esperando este dia.

De golpe, com a morte,
minha vida se fará verdade.
Por fim terei amado!

Ecoando tanto em Angola como no Brasil mais interior, os dois poemas buscam a expressão de o que vou chamar de uma consciência antecipatória que, segundo

4 Conceito defendido por Ernst Bloch no livro *Principio Esperança* (2005), no qual esse otimismo militante seria o oposto de um otimismo contemplativo filosófico.



BOSI (2000, p.188) passa a produzir, “em qualquer tempo, a estrutura simbólica da Utopia”. Uma utopia, que segundo o mesmo autor será “feita da liberdade individual e na capacidade de sonhar, mas é feita, sobretudo, de experimentação e de imaginação coletiva, tornando-se possibilidade coletiva futura no processo de luta” (BOSI, 2000).

Como poetas que se avultam no cenário de exploração e opressão em que estão inseridos, partilham sua visão de futuro, inscrevendo uma liberdade coletiva e indestrutivelmente pensada e sonhada.

Os ideais de luta, de fé e de ação, que carregam essa poesia fazem com que Agostinho Neto e Pedro Casaldáliga adquiram o direito de falar em nome do seu povo. Foi esta condição que possibilitou a ambos apreenderem “a verdade do futuro dentro da ficção do presente, entender o significado dessa verdade mesmo quando se encontrasse complementemente ofuscada pelos embustes e pelo silêncio do sistema” (BASIL, 1985, p.4).

Revela-se, assim, a face coletiva da obra desses autores, como poetas que não estão sozinhos, mas representam uma multidão de outros, que por condições adversas, não podem manifestar-se.

Percebe-se, segundo Alfredo Bosi (2000), um coro de vozes dentro destes textos, revelando uma poesia que tem como discurso a Utopia e que, dentro do poema é o registro da voz dos excluídos, dos dominados, é um grande coral de vozes que busca revelar o éden que não se encontrou ainda, aliviando, através da arte as carências das mazelas do presente.

Essa marca poética apresenta-se na maioria dos textos desses poetas, como no poema de Agostinho Neto (1985, p. 49-51), *Quitandeira*:

A quitanda.
Muito sol
e a quitandeira à sombra
da mulemba.

__ Laranja, minha senhora
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade
e seu quente jogo



de claros e escuros
e a vida brinca
em corações aflitos
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira
que vende fruta
vende-se.
(...)

Compra laranjas doces
compra-me também o amargo
desta tortura
da vida sem vida.

Compra-me a infância de espírito
este botão de rosa
que não abriu
princípio impelido ainda para um início.

Laranja, minha senhora!

Esgotaram-se os sorrisos
com que chorava
eu já não choro.

E ai vão as minhas esperanças
como foi o sangue dos meus filhos
amassado no pó das estradas
enterrado nas roças
e o meu suor
embebido nos fios de algodão
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido
à segurança das máquinas
à beleza das ruas asfaltadas
de prédios de vários andares
à comodidade de senhores ricos
a alegria dispersa por cidades
e eu
me fui confundindo.
com os meus próprios problemas da existência.

Ai vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestésiar
e me entreguei às religiões
para me sensibilizar
e me atordoei para viver.



Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.
__ Compra laranjas
minha senhora!
Leva-me para as quitandas da Vida
o meu preço é único:
__ sangue.

Talvez vendendo-me
eu me possua.
(...).

Na vida da *Quitandeira*, prostituída e violentada, roubada de sua infância e de seus sonhos, está exposta a cortante realidade angolana, os versos revelam uma realidade verossímil, que encontra na poesia um lugar de desabafo, de grito e, antagonicamente, de repouso.

Casaldáliga (2006, p. 53) não menos cortante vocifera nos versos de *Picolezeiro*:

Com seus dez anos, sabido
como dez livros completos,
no isopor, a tiracolo
leva sua vida a preço.

Picolezeiro,
por um sorriso
dou-te um cruzeiro.

Seu coração pequenino
será um picolé vermelho,
massa de frágil ternura
se derramando num gelo?

Picolezeiro,
o teu sorriso
vale um cruzeiro?

Passam os ônibus, passam
por suas mãos os dinheiros.



Descalço de pés e sonhos,
só ele é passageiro.

Picolezeiro,
só valeis isso,
tu e companheiros?

Picolés de milho verde
e uma espiga de protesto:
não te vendas mais em trocos,
tira o tiracolo em tempo!

Neste poema, uma das consequências do panorama de exploração e desigualdade social, onde se vê: o desemprego, a miséria, o trabalho escravo e, uma das mais preocupantes, a utilização da mão de obra infantil.

Não diferentes, *Quitandeira* e *Picolezeiro*, sem infância, sem nome, sem futuro. São emblemas de um povo, portadores da chama, ainda encoberta, de uma Utopia, e sua representação nos poemas é uma crítica real do presente.

Essa crítica “real” é a base da obra dos dois autores, pois suas obras funcionam, no dizer de Antonio Candido (1982, p. 256), como “um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”.

Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto, não mascaram a realidade, denunciam e anunciam um novo tempo, a libertação, a independência para um povo.

É o que se percebe no poema *Aspiração* de Agostinho Neto (1985, p. 68):

Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar

ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos



Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer

E nas sanzalas
nas casas
no subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.

Como um eco, Pedro Casaldáliga (2005, p. 63) responde, num diálogo além do atlântico, num acalanto, numa poesia que acolhe o irmão de luta e revolução e diz com *O maior amor*:

(...)
Ainda há torturados
nas masmorras da noite.
Há desaparecidos,



nos cúmplices silêncios.
Inutilmente, império, inutilmente!
Nossos caídos tombam
com a flor da esperança
nas mãos ressuscitadas.
nossos mortos caminham,
arrastando consigo a História Nova.
contra os berros da morte,
as palavras da vida:
Terra! Libertação!
— canto coral da nossa Caminhada.

Nuvem de testemunhas
nos sustenta a coragem.
Nós somos testemunhas
de testemunhas, (...)
Com eles caminhamos,
libertando o futuro.

Com base nas reflexões de Benjamim Abdala (2003, p. 197), percebe-se, pela relação entre os textos dos poetas, que há certa designação da “potencialidade subjetiva que carrega a energia utópica em seu desejo de transformação”, onde tanto um título quanto o outro já denotam essa inclinação: *Aspiração* e *O maior amor*.

Nos poemas a Utopia é aquela que se constrói por uma causa, originária de uma ideologia, e da sociabilidade entre seus membros⁵, na medida em que dá forma a uma solidariedade, enquanto estado de plenitude idealizada que se desloca do futuro, ou do modelo simulado, para atualizar-se no presente (ABDALA, 2003, p. 163). Utopia que só é possível de acontecer nos níveis do sujeito do querer, do dever e do depois do poder. Em outras palavras, um coletivo que transforma em dever, mas nem sempre em poder.

A análise feita dos versos dos poetas evidencia e, de certa forma, ratifica as afirmações anteriores, de que há uma forte comunicação entre a literatura produzida em Angola e no Brasil.

São poetas de tempos distintos e dignos de representação nacional, pela cultura e pelos valores fundamentais neles impregnados. Ambos demonstram forte engajamento social que, por sua vez, é incorporado culturalmente nas produções literárias. Seja pelo engajamento na luta pela independência de Angola, seja pela “libertação” das

5 Reflexão advinda da aula com Prof. Benjamim Abdala no curso de mestrado em estudos literários no dia 25/06/2010, em Tangará da Serra.



famílias brasileiras que vivem em situação de exploração.

Toda inscrição dessa luta, que toca fortemente numa busca de identidade dentro da/na pós-modernidade, no futuro, e que segundo Boaventura de Sousa Santos (2008, 17-49) está imbricada numa condição utópica que é alicerçada por uma condição política e não científica. Isto porque, pensando como Marx, a resistência política alimenta a Utopia e ela, como vista aqui, é mais necessária do que nunca. A utopia que se faz no presente e que não precisa ser tão pesada, no sentido sólido de ser, mas que pode ser leve como a poesia.

Nessa perspectiva, a independência ou libertação unem as diferentes regiões/nações em suas histórias, seus sonhos, lutas, passado, presente e inscrição no futuro como uma técnica da composição de identidades, tipos e mitos no advento da modernidade.

Referências

ABDALA JR, Benjamin. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê, 2003.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX**. São Paulo: Ateliê, 2007.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993. vol 01,

_____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Versos adversos - Antologia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____, Pedro & BARREDO, Cerezo. **Murais da libertação**. São Paulo: Loyola, 2005.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MAGALHAES, Hilda. **História da literatura de Mato Grosso: Século XX**. Cuiabá:



Unicem Publicações, 2001.

NETO, Agostinho. **Sagrada esperança**. Republica de Cuba: União dos Escritores Angolanos, 1985.

VIEIRA, Antonio Rufino. **Princípio esperança e a “herança intacta do marxismo” em Ernst Bloch**. Anais do 5º Colóquio Internacional marxengels , 2007. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2010.

Data de aceite do texto: 03/06/2013. O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade do autor.

